



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE CIÊNCIAS MÉDICAS, FARMACÊUTICAS E BIOMÉDICAS
CURSO DE FARMÁCIA

ANGÉLICA DOURADO BRITO

AUTOMEDICAÇÃO: Os riscos e perigos das práticas pelos consumidores e a importância do farmacêutico

Goiânia, 2024

ANGÉLICA DOURADO BRITO

**AUTOMEDICAÇÃO: Os riscos e perigos das práticas pelos consumidores e a
importância do farmacêutico**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Farmácia da Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, como parte dos requisitos
exigidos para a conclusão do curso.

Orientador (a): Dra. Adélia Maria Lima da Silva

Goiânia
2024

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

No dia 16 / 10 / 2024 às 9:50 horas, o (a) estudante ANGÉLICA DOURADO BRITO do curso de FARMÁCIA

da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, expôs, em Sessão Pública de Apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso, o trabalho intitulado: AUTOMEDICAÇÃO: OS RISCOS e perigos das práticas pelos consumidores e a importância do farmacêutico.

para a Banca de Avaliação composta pelos (as) docentes: Profa. Dra. Adélia Maria Lima da Silva ; Profa. Dra. Elaine Reed e Profa. Dra. Ana Lúcia Teixeira de Carvalho Zampieri

O trabalho da Banca de Avaliação foi conduzido pelo (a) docente Presidente que, inicialmente, após apresentar os docentes integrantes da Comissão, concedeu um tempo de no máximo 20 minutos ao (a) estudante para que exponha o trabalho. Após a exposição, o (a) docente Presidente concedeu a palavra a cada membro convidado da Comissão para que estes arguissem o (a) estudante. Após o encerramento das arguições, a Banca de Avaliação, reunida isoladamente, avaliou o trabalho desenvolvido e o desempenho do (da) estudantes na exposição, considerada a trajetória deste (a) no desenvolvimento do TCC. Como resultado da avaliação, a Banca de Avaliação deliberou pela

Aprovação

Aprovação, condicionada às correções recomendadas pelos membros da banca.

Reprovação

Aprovação, condicionada às correções recomendadas pelos membros da banca

A Banca de Avaliação conclui que o(a) estudante está **APROVADO(A) condicionado às correções** de forma e/ou conteúdo **recomendados**. As correções deverão ser indicadas no formulário de Avaliação Final de Trabalho de Conclusão de Curso. O (a) estudantes terão um prazo definido pelo professor(a) orientador (a) e membros da banca para os ajustes e entrega da versão final ao professor (a) orientador (a), contado a partir da data da sessão de apresentação pública do TCC

Reprovação.

A Banca de Avaliação conclui que o trabalho apresentado não satisfaz as condições mínimas e o estudante está REPROVADO(A).

A Banca Avaliadora:

Membro Presidente da Banca Avaliadora: Adélia Maria Lima da Silva

Membro Convidado da Banca Avaliadora: [Assinatura]

Membro Convidado da Banca Avaliadora: [Assinatura]

Vania Rodriguez

Profa Dra Vania Cristia Rodríguez Salazar

COORDENADORA DO TCC DA ESCOLA CIÊNCIAS MÉDICAS E DA VIDA

Dedicatória

Família, eu dedico a vocês este trabalho, fruto de muito esforço e dedicação.

À Professora Adélia, por sua orientação e paciência, por me ensinar a amar a ciência e por sempre me incentivar a seguir meus sonhos. Seu conhecimento, paciência e dedicação foram fundamentais para que eu conseguisse concluir esse projeto com sucesso. Ao longo do processo, sua disposição para esclarecer dúvidas, oferecer feedback e encorajar minhas ideias fez toda a diferença. A confiança que a senhora demonstrou no meu trabalho me motivou a dar o meu melhor e a superar os desafios que surgiram pelo caminho. O cuidado que teve em me ajudar a alcançar meus objetivos não passou despercebido e fez com que esta experiência fosse mais do que um simples projeto acadêmico. Foi um aprendizado valioso para a vida.

Às professoras Dra. Elaine Reed e Dra. Ana Lúcia Teixeira, pela disposição em participar da defesa do TCC e pelas valiosas contribuições à versão final da minha monografia.

Aos coordenadores dos cursos de Química da PUC Goiás, Prof. Dr. Dannes Pereira Barbosa, e de Farmácia, Profa. Dra. Suzana Ferreira Alves, pelo apoio e por me fazer acreditar que tudo é possível.

À minha família, por seu amor incondicional, por sempre me apoiar e por me fazer sentir amada. À minha mãe, Andreza, por ser meu porto seguro e por nunca desistir de mim, mesmo quando os desafios pareciam insuperáveis. Sua força e carinho foram meu alicerce. Ao meu pai, Nilton, por me ensinar o valor do esforço e do trabalho duro. Seus conselhos e seu exemplo foram fundamentais para que eu chegasse até aqui. À minha irmã, Wanessa, por tornarem a jornada mais leve e divertida. A amizade de vocês é um presente inestimável. E aos meus avós, Idalice e Juraci, por me mostrarem a importância da família e por sempre acreditarem em meu potencial.

E a todos os cientistas ao longo da história, por seu compromisso e conquistas, por impulsionarem o progresso da ciência e da humanidade. Agradeço a cada um de vocês, pois seu trabalho me inspirou a ser quem sou hoje.

Com amor,

Angélica Dourado Brito

Agradecimentos

A Deus pelo dom da vida e pela oportunidade de participar do grupo de discente da PUC no curso de Farmácia.

À direção da Escola de Ciências Médicas e da Vida, ao corpo docente da PUC, principalmente aos professores do curso de farmácia e funcionários pelos anos que vivi no meu percurso de graduanda.

À professora Adélia por ter sido paciente ao me instruir na elaboração desse trabalho. Demonstrou competência e responsabilidade ímpar.

À minha família que sempre esteve comigo nesse percurso e sempre me incentivou a continuar, me mostrando que a vida não é fácil, mas que com determinação, responsabilidade, esforço, coragem e paciência poderia vencer todas as etapas do curso.

Atenciosamente,

Angélica Dourado Brito

RESUMO

A automedicação é uma prática comum em muitas sociedades, em que as pessoas buscam alívio imediato para sintomas desconfortáveis. Pode ser entendida como a seleção e o uso de medicamentos para tratar doenças e seus sintomas sem a prescrição de um profissional da saúde, gerando riscos para a saúde individual. Essa prática pode ser perigosa, pois os medicamentos têm efeitos colaterais e podem interagir de maneira negativa com outros medicamentos ou condições de saúde do indivíduo. Além disso, a automedicação pode mascarar sintomas de doenças mais graves, retardando o diagnóstico e tratamento adequado. Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar os perigos da automedicação, observando os riscos iminentes para a saúde e realçar a importância do profissional farmacêutico na orientação do uso de medicamentos e na atenção farmacêutica. Para atingir esse objetivo, foi realizada uma revisão bibliográfica nas bases de dados Google Acadêmico, National Library of Medicine (PubMed MEDLINE) e Scientific Electronic Library Online (SCIELO), utilizando-se as palavras-chave, “automedicação”, “autocuidado”, “atenção farmacêutica”, “medicamento” e “atuação do farmacêutico”, cruzadas entre si. Com o levantamento, percebeu-se a heterogeneidade dos grupos que praticam automedicação no Brasil, uma predominância de crianças menores de 4 anos e jovens adultos (20 a 29 anos) como os grupos mais afetados por intoxicação por medicamentos em 2018, conforme dados do SINITOX, com prevalência do sexo feminino. É fundamental conscientizar a população sobre os riscos da automedicação e promover a educação em saúde para que as pessoas saibam a importância de consultar um profissional de saúde antes de utilizar qualquer medicamento. A orientação adequada do farmacêutico garante o uso correto dos medicamentos de forma segura e eficaz, evitando complicações e promovendo a saúde e bem-estar de todos.

Palavras-chave: automedicação, autocuidado, atenção farmacêutica, medicamento e atuação do farmacêutico.

ABSTRACT

Self-medication is a common practice in many societies, where people seek immediate relief for uncomfortable symptoms. It can be understood as the selection and use of medications to treat illnesses and their symptoms without the prescription of a healthcare professional, posing risks to individual health. This practice can be dangerous, as medications have side effects and may interact negatively with other drugs or the individual's health conditions. Furthermore, self-medication can mask symptoms of more serious illnesses, delaying diagnosis and appropriate treatment. This thesis aims to analyze the dangers of self-medication, observing the imminent risks to health and highlighting the importance of the pharmacist in guiding the use of medications and providing pharmaceutical care. To achieve this objective, a literature review was conducted using the databases Google Scholar, National Library of Medicine (PubMed MEDLINE), and Scientific Electronic Library Online (SCIELO), utilizing keywords such as “self-medication,” “self-care,” “pharmaceutical care,” “medication,” and “performance of the pharmaceutical” crossed among themselves. The survey revealed the heterogeneity of groups practicing self-medication in Brazil, with a predominance of children under 4 years old and young adults (ages 20 to 29) as the groups most affected by medication poisoning in 2018, according to data from SINITOX, with a prevalence of females. It is essential to raise awareness among the population about the risks of self-medication and promote health education so that individuals understand the importance of consulting a healthcare professional before using any medication. Proper guidance from pharmacists ensures the correct use of medications safely and effectively, avoiding complications and promoting the health and well-being of everyone.

Keywords: self-medication, self-care, pharmaceutical attention, medicine and performance of the pharmaceutical.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Número de casos (vítimas) de intoxicação humana, solicitações de informações e óbitos. Brasil, 2018.....	18
Tabela 2. Casos registrados de intoxicação humana por medicamentos e faixa etária. Brasil, 2018.....	19
Tabela 3. Principais medicamentos usados na automedicação.....	20
Tabela 4. Medicamentos mais consumidos na automedicação pelos brasileiros.....	21
Tabela 5. Os principais prescritores leigos e informais no Brasil.....	22

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIFARMA	Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
CFR	Conselho Federal de Farmácia
ICTQ	Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade
MIPs	Medicamentos Isentos de Prescrição
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial da Saúde
RENACIAT	Rede Nacional de Centros de Informação e Assistência Toxicológica
SINTOX	Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas
SUS	Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 JUSTIFICATIVA DO TEMA.....	13
3 OBJETIVOS.....	14
3.1 Geral.....	14
3.2 Específicos.....	14
4 METODOLOGIA.....	15
4.1 Tipo de Pesquisa.....	15
4.2 Levantamento das Publicações.....	15
4.3 Banco de dados.....	15
5 REVISÃO DA LITERATURA.....	16
5.1 Automedicação no Brasil.....	16
5.2 Causas e consequências da Automedicação.....	17
5.3 Principais medicamentos usados na Automedicação.....	20
5.4 Papel do Farmacêutico.....	22
5.5 Medidas para reduzir a Automedicação.....	23
6 CONCLUSÃO.....	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26

1 INTRODUÇÃO

A automedicação consiste na prática de ingerir medicamentos sem prescrição e/ou orientação, buscando aliviar um problema de saúde de forma paliativa, sem o auxílio ou acompanhamento de um profissional qualificado da área da saúde. Essa prática é mundialmente difundida e tem sido recorrente no Brasil. Segundo a Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas (ABIFARMA), 89% dos brasileiros recorrem à automedicação (Xavier et al., 2021). De acordo com uma pesquisa da Datafolha, aproximadamente 80% dos brasileiros se automedicam, conforme destacado pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF). Quase metade dessa população se automedica pelo menos uma vez ao mês, e 25% o fazem diariamente ou pelo menos uma vez por semana (CFF, 2020).

O uso de medicamentos dispensados sem receita médica, atualmente, é aceito como parte integrante do Sistema Único de Saúde (SUS). Segundo Sousa et al. (2008), quando praticada corretamente, a automedicação pode aliviar financeiramente esse sistema, pois os medicamentos representam o segundo maior gasto, perdendo apenas para os recursos humanos. No entanto, a automedicação frequentemente ocorre de forma indiscriminada, o que pode gerar inúmeros resultados indesejáveis, os quais serão discutidos ao longo deste TCC.

No Brasil, 5 de maio é o dia dedicado ao movimento para combater no país essa prática de ordem mundial, que pode causar danos irreversíveis e até levar à morte (Enefar, 2013). Segundo estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS), mais da metade dos medicamentos são prescritos, dispensados ou vendidos de forma inadequada e metade dos pacientes não faz uso corretamente (Aquino, 2008).

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) possui uma regulamentação para a venda e propagandas de medicamentos no Brasil. Porém, para aqueles que utilizam medicamentos sem prescrição médica, não há fiscalização e nem orientação. E mesmo que não haja esse controle, o indivíduo não pode fazer o uso indevido de medicamentos, nem na dose e nem na hora que achar conveniente (Soterio; Dos Santos, 2016).

Diante deste cenário, várias reflexões são relevantes, sendo uma delas entender os motivos que levam uma pessoa a se automedicar (Arrais et al., 2016). Diversos estudos têm identificado fatores relacionados às condições socioambientais, ao aumento da expectativa de vida, ao surgimento de novas e antigas doenças transmissíveis, ao crescimento dos transtornos psicológicos e ao incremento das doenças ocupacionais (Brasil, 2012). Assim, pode-se destacar, o alto custo de uma consulta médica, a limitação do poder prescritivo, propaganda descontrolada e massiva de medicamentos pelas empresas de *marketing*, falta de

regulamentação e fiscalização para aqueles que oferecem tais produtos, o desespero e angústia para sanar os sintomas e a falta de programas educativos são apenas alguns fatores que colaboram para a automedicação (Xavier et al., 2021).

O uso de Medicamentos Isentos de Prescrição (MIP's) é um fator predominante na automedicação. Estas drogas podem causar um alto risco à saúde do indivíduo, principalmente o uso do paracetamol, dipirona e os salicilatos. Estes medicamentos lideram os fármacos que são adquiridos por automedicação, e estão relacionadas a sintomas como hemorragias gastrointestinais causadas pelo uso indevido de salicilatos, lesões no fígado causadas pelo uso do paracetamol e aplasia medular causada pelo uso indiscriminado de dipirona (Oliveira, 2016).

Vale ressaltar, também, que o uso irracional de medicamentos poderá gerar efeitos adversos, desde mascaramento de doenças evolutivas, intoxicação, e até a morte. Segundo Arrais et al. (2016), os anti-inflamatórios não esteroidais (AINES) são exemplos de medicamentos que provocam problemas no trato gastrointestinais e possuem alta nefrotoxicidade.

Ademais, é importante salientar o papel dos consumidores. Eles devem estar cientes dos limites da automedicação e buscar orientação adequada de um profissional da saúde quando necessária. Isso inclui ler cuidadosamente as instruções dos medicamentos sem prescrição médica, seguir as dosagens e precauções fornecidas nos rótulos, estar atento aos possíveis efeitos colaterais e a possíveis interações com outros medicamentos que já estejam sendo utilizados. A conscientização e a educação dos consumidores são essenciais para garantir o uso seguro e eficaz da automedicação (Brasil, 2012).

O papel do farmacêutico na área da atenção farmacêutica tem se expandido e ganhado reconhecimento por ser essencial na prevenção, detecção e resolução de questões ligadas ao uso de medicamentos. Essa interação direta do farmacêutico com o usuário visa uma farmacoterapia racional e a obtenção de resultados definidos e mensuráveis, voltado para a melhoria da qualidade de vida (Sousa et al., 2008).

A função desse profissional na automedicação é fundamental, pois garante um tratamento eficaz e seguro, podendo identificar possíveis interações medicamentosas e oferecer, também, alternativas adequadas, quando necessárias. Além disso, podem orientar os pacientes sobre o uso correto dos medicamentos, ajudá-los a entender os riscos associados à automedicação e a buscar orientação médica necessária minimizando os riscos associados a automedicação (Rodrigues et al, 2018).

2 JUSTIFICATIVA DO TEMA

Ao analisar o tema “Automedicação: perigos e riscos das práticas pelos consumidores e a importância do farmacêutico”, é fundamental entender primeiramente o sentido da palavra “automedicação”.

A automedicação é a prática de utilizar medicamentos sem prescrição médica ou orientação profissional. Isso inclui a compra e administração de medicamentos por iniciativa própria, sem a supervisão de um profissional de saúde qualificado. A automedicação pode envolver o uso de medicamentos sem considerar fatores como dose adequada, duração do tratamento e possíveis interações medicamentosas, o que pode resultar em consequências adversas para a saúde. Ela também é definida como a prática de uso de medicamentos que não precisam de receita médica para tratar pequenos males, como resfriados, enxaqueca, dores musculares (Xavier et al, 2021).

Essa prática muitas vezes ocorre devido à falta de recursos para pagar uma consulta médica ou à ausência de um plano de saúde. A pessoa busca uma solução mais acessível para resolver um problema de saúde imediato, procurando farmácias, drogarias ou supermercados para comprar analgésicos, antitérmicos, anti-inflamatórios e vitaminas. Vale ressaltar que a maior parte desses medicamentos é de uso simples e comum, sendo vendidos sem prescrição médica (Oliveira et al., 2016).

Ademais, a conduta de ingerir um medicamento sem conhecer os seus riscos ou efeitos colaterais, traz danos à saúde e consequências desagradáveis como o mascaramento de doenças evolutivas, intoxicação e até a morte. Porém, quando há o acompanhamento de um profissional qualificado, o uso do medicamento torna-se eficaz, garantindo ao indivíduo uma qualidade de vida melhor. Sendo assim, entende-se que a automedicação é a prática das pessoas usarem medicamento por conta própria para tratar seu mal-estar (Rodrigues et al, 2018).

Nesse sentido, o TCC visa o estudo da automedicação, enfatizando os riscos das práticas pelos consumidores, incluindo o uso inadequado de medicamentos, a ocorrência de reações adversas e, principalmente, o papel do farmacêutico como profissional de saúde qualificado para fornecer orientação adequada sobre o uso seguro e eficaz de medicamentos. Desse modo, justifica-se estudar o tema a fim de contribuir para o aprimoramento acadêmico e pessoal, assim como visa acrescentar à comunidade acadêmica o fomento da discussão do tema e somar com novas perspectivas a partir da revisão bibliográfica.

3 OBJETIVOS

3.1 Geral

Analisar a prática da automedicação na sociedade brasileira, entender seus riscos e consequências e destacar a importância do papel do farmacêutico na promoção do uso racional de medicamentos

3.2 Específicos

- Coletar dados do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX/Fiocruz) sobre automedicação no Brasil;
- Identificar os grupos com maior frequência na prática da automedicação;
- Tabular os fármacos mais utilizados na automedicação pelos brasileiros;
- Estudar os riscos e consequências da prática da automedicação;
- Realçar a importância do profissional farmacêutico na orientação do uso de medicamentos e na atenção farmacêutica.
- Discutir ações que podem coibir a automedicação.

4 METODOLOGIA

4.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa tratou-se de uma revisão bibliográfica por meio do levantamento, análise e descrição de publicações científicas sobre o tema proposto, intitulado “Automedicação: os riscos das práticas pelos consumidores e a importância do farmacêutico”. A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza, segundo Severino (2007), a partir do:

[...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes de temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (SEVERINO, 2007, p.122).

4.2 Levantamento das Publicações

Foram utilizadas as bases de dados Google Acadêmico, National Library of Medicine (PubMed MEDLINE) e Scientific Electronic Library Online (SCIELO), utilizando-se as palavras-chave, “automedicação”, “autocuidado”, “atenção farmacêutica”, “medicamento” e “atuação do farmacêutico”, cruzadas entre si.

Os critérios para a inclusão da revisão foram artigos em periódicos indexados, artigos de revisões, trabalhos de conclusão de cursos, dissertações de mestrado e teses de doutorado que associam a automedicação e o papel do farmacêutico. Entraram na seleção, preferencialmente, publicações a partir de 2000, restritos aos idiomas da língua portuguesa e inglesa, totalizando 25 artigos.

Os critérios de exclusão de publicação foram aqueles anteriores ao ano 2000 e que apresentavam origem duvidosa como artigos de sites ou blogs não indexados.

4.3 Banco de dados

Tratou-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica para gerar informações. Os dados foram tabulados na forma de quadros e tabelas, com o intuito de organizar o número de casos de intoxicações registrados nas estatísticas publicadas pelo SINITOX/Fiocruz nos últimos anos de forma eletrônica. Foram utilizadas tabelas construídas no Microsoft Word e Excel para organizar e codificar os dados, a fim de possibilitar uma visualização clara das informações e a identificação dos dados.

5 REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo serão abordados o índice da automedicação no Brasil e em Goiás, as causas e as consequências da automedicação, o levantamento dos principais medicamentos que são usados pelos consumidores e o papel do profissional farmacêutico.

5.1 Automedicação no Brasil

A Organização Mundial da Saúde (OMS) preconiza o uso racional de medicamentos, que ocorre quando os pacientes recebem tratamentos apropriados para suas condições clínicas, em doses adequadas às suas necessidades individuais, por um período adequado e ao menor custo possível para si e para a comunidade. No entanto, a realidade brasileira diverge dessa idealização, segundo trabalho apresentado pela Fiocruz (2014).

No Brasil, cerca de 35% dos medicamentos adquiridos são por automedicação, contribuindo para um cenário em que os medicamentos são responsáveis por 27% das intoxicações, e 16% dos casos de morte por intoxicações medicamentosas. Ademais, metade de todos os medicamentos é prescrita, dispensada ou usada de forma inadequada, resultando em um gasto significativo de 15 a 20% dos orçamentos hospitalares para lidar com as complicações decorrentes do seu mau uso (Aquino, 2008).

Xavier et al. (2021, p. 227) realizaram uma revisão de literatura sobre automedicação e o risco à saúde. Nessa revisão eles observaram que em 2017, “cerca de 20 mil casos de intoxicação ocorreram por uso de medicamentos e 50 mortes, correspondendo a uma letalidade de 0,25%. Neste ano, os medicamentos foram a primeira causa de intoxicação humana por agente tóxico, responsável por 27,1% dos casos. Esse estudo mostra que os brasileiros tendem a se automedicar e isso ocorre por diversos fatores, os quais serão discutidos no item 5.2 desse trabalho. O desafio de promover o uso racional de medicamentos é multifacetado e requer a colaboração de diversas partes interessadas, incluindo pacientes, profissionais de saúde, legisladores, formuladores de políticas públicas, indústria farmacêutica, comércio e governo.

No Brasil, apesar da regulamentação pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) sobre a venda e publicidade de medicamentos de venda livre, ou seja, que podem ser adquiridos sem prescrição médica, ainda não existem normas específicas ou orientações claras para os consumidores que os utilizam. Isso cria um vácuo regulatório, deixando os

usuários vulneráveis ao uso inadequado ou excessivo de medicamentos, resultando em potenciais riscos para a saúde pública.

O Instituto de Ciência Tecnologia e Qualidade (ICTQ), realizou uma pesquisa sobre a automedicação no Brasil com 2.090 pessoas em 120 municípios brasileiros, de forma qualitativa, entre homens e mulheres, com idade a partir de 16 anos de forma individual. As entrevistas foram elaboradas em setembro de 2018, com informações do censo 2010 e 2018 através da fonte do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Constatou que em 2014, 76% da população brasileira automedicava-se, dados de 2016 variaram para 72%, aumentou para 79% em 2018. (ICTQ, 2018).

5.2 Causas e consequências da Automedicação

A automedicação tem se mostrado muito comum nas sociedades e pode estar relacionada a diferentes causas. Dentre elas, pode-se citar a disponibilidade e facilidade de comercialização e acesso aos medicamentos sem prescrição médica em farmácias e até em supermercados, a variedade de produtos fabricados pela indústria farmacêutica, a própria cultura e comodidade assimilada pela sociedade, a falta de acesso a profissionais de saúde ou a incapacidade de acesso a consultas médicas, a não disponibilidade de serviços de saúde acessíveis, muitas vezes precisam passar horas em filas e esperar dias ou até mesmo meses para serem atendidos por um médico, a grande variedade de informações disponíveis nos meios de comunicação, como a *internet* e a substituição inadvertida da orientação médica por sugestões de medicamentos provenientes de pessoas não autorizadas, entre estes familiares, influenciadores digitais, amigos ou balconistas em farmácias (Brasil, 2012; Xavier et al, 2021).

No entanto, a falta de conhecimento sobre os riscos associados à automedicação, incluindo reações adversas, interações medicamentosas e a possibilidade de mascarar sintomas de condições subjacentes, são exemplos das consequências dessa prática. A cultura da automedicação pode ser vista como uma prática comum e aceitável, levando as pessoas a confiarem em seus próprios julgamentos em vez de buscar orientação profissional.

Uma consequência preocupante da automedicação são as intoxicações medicamentosas, que ocorrem devido a processos complexos relacionados à forma como os medicamentos interagem com o corpo. Nóbrega et al. (2015) em seu artigo de revisão sistemática com abordagem nas síndromes tóxicas discute que um dos grandes desafios da saúde pública atual é notificar e assistir intoxicações humanas, principalmente aqueles relacionados aos medicamentos. Isso é devido a mecanismos complexos, relacionados a

processos farmacodinâmicos e farmacocinéticos envolvidos, relacionado com as características individuais, com as propriedades farmacêuticas do produto e com as interações com medicamentos e alimentos (Xavier et al., 2021).

No Brasil, o SINITOX/Fiocruz tem como principal atribuição coordenar a coleta, a compilação, a análise e a divulgação dos casos de intoxicação e envenenamento notificados no país. Os registros são realizados pela Rede Nacional de Centros de Informação e Assistência Toxicológica (RENACIAT), composta por diversas unidades presentes em todas as regiões do Brasil. Os resultados do trabalho são divulgados anualmente e publicados na internet.

A Tabela 1 apresenta o número de casos (vítimas) de intoxicação humana, de solicitação de informações, parcela de casos que ocasionaram em óbitos, gerando assim a porcentagem de letalidade, de acordo com os dados coletados pelo SINITOX. Deve-se ressaltar que os últimos dados disponíveis no site foram relatados em 2018.

Tabela 1. Número de casos (vítimas) de intoxicação humana, solicitações de informações e óbitos.

Região	Humanos	Informações	Óbitos Humanos	Letalidade %
Norte	782	83	10	1,28
Nordeste	11499	2034	133	1,16
Sudeste	33389	3641	123	0,37
Sul	20035	7513	108	0,54
Centro-oeste	4908	480	49	1,00
TOTAL	70613	13751	423	0,60

Observando os dados numéricos do SINITOX em 2018, mais de 70 mil incidentes de intoxicação humana ocorreram devido ao uso de medicamentos, resultando em 423 óbitos, o que representa uma taxa de letalidade de 0,60%. Comparando com os dados coletados em 2017 e relatados por Xavier et al., 2021, onde ocorreram cerca de 20 mil casos de intoxicação por uso de medicamentos e 50 óbitos, correspondendo a uma letalidade de 0,25%, observa-se que em um ano o número de incidentes e mortes subiu assustadoramente.

No ano de 2018, os medicamentos foram a principal causa de intoxicação humana por agentes tóxicos, contribuindo com 26,19% do total de casos registrados (19882 vítimas). Em relação à faixa etária, observou-se uma predominância de crianças menores de 4 anos (6682 casos) e jovens adultos na faixa etária entre 20 e 29 anos (3257 casos) como os grupos mais

afetados por intoxicação por medicamentos, conforme dados da Tabela 2 construída com as informações publicadas no *site* do SINITOX (2024).

Com os dados tabulados, é necessário estudar estratégias para o controle da automedicação, devendo o profissional farmacêutico orientar a população sobre a aquisição, armazenamento e uso dos medicamentos, a fim de reduzir a prática inapropriada da automedicação.

De acordo com Da Silva et al, (2018), os pais ou responsáveis frequentemente recorrem à automedicação em crianças por várias razões, destacando-se: a falta de acesso rápido a um profissional de saúde; seus conhecimentos de vida; ansiedade em aliviar os sintomas de seus filhos; crença de que o problema é leve ou comum, como febre baixa, dor de cabeça ou resfriado; por presumir que sabem o que é melhor para seus filhos e escolhem medicamentos de venda livre para tratar os sintomas; custo financeiro, ou seja, economizar em consultas médicas; fácil acesso aos medicamentos de venda livre e acessíveis; falta de conhecimento sobre os riscos; ignorância dos possíveis efeitos colaterais ou complicações associados à automedicação em crianças; conveniência e urgência em situações em que os pais precisam agir rapidamente, como durante a noite ou em áreas remotas. Esses são alguns fatores que tornam o índice tão elevado da automedicação em crianças, o que pode ser vista como a opção mais prática e conveniente para aliviar os sintomas de forma imediata.

Tabela 2. Casos registrados de intoxicação humana por medicamentos e faixa etária.

Divisão da População	Faixa Etária			
		< 1 ano	01 a 04 anos	05 a 09 anos
Infantil	801	6682	1398	
	10 a 14 anos		15 a 19 anos	
Jovens	937		2277	
	20 a 29 anos	30 a 39 anos	40 a 49 anos	50 a 59 anos
Adultos	3257	2038	1144	524
	60 a 69 anos	70 a 79 anos	> 80 anos	
Idosos	240	109	46	

Fonte: A autora (2024), tabela criada com os dados do SINITOX publicados no ano 2018.

De um modo geral, os pais ou responsáveis administram principalmente analgésicos (48%), anti-inflamatórios (31%), antitérmicos (19%), descongestionantes nasais (15%) e expectorantes (13%), para o alívio de sintomas comuns como febre, cólicas e dores (Guedes; Andrade, 2021).

No caso dos adolescentes e jovens, de acordo com Ribeiro et al. (2014), a automedicação está ligada a diversas psicopatologias, incluindo depressão e pensamentos suicidas. Os medicamentos mais comumente utilizados são os analgésicos, estimulantes e antidepressivos. O autor destaca que as mulheres têm uma probabilidade maior de desenvolver essas doenças ou de se machucarem, o que pode levá-las a praticar a automedicação. Isso está em linha com o estudo de Xavier et al. (2021), que também identifica os mesmos fatores de risco, como ser do sexo feminino ou ter sintomas psicológicos.

5.3 Principais medicamentos usados na Automedicação

No Brasil, 79% das pessoas com mais de 16 anos admitem tomar medicamentos sem prescrição médica ou farmacêutica. O percentual é o maior desde que a pesquisa começou a ser feita pelo Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade (ICTQ). Em 2014, 76,2% diziam automedicar-se e em 2016, 72%. A Tabela 3 apresenta os principais sintomas que levam as pessoas a se automedicar.

Tabela 3 – Principais sintomas para a automedicação

Sintomas	Percentual Médio
Dor de cabeça	56
Febre	32
Resfriado	51
Congestão nasal	9
Alergia	13
Tosse	24
Dor de barriga	18
Dor no estômago	20
Dores musculares	28
Cólicas abdominais	13

Fonte: Adaptado de <https://ictq.com.br/pesquisa-do-ictq/871-pesquisa-automedicacao-no-brasil-2018>

A prevalência da automedicação apresenta algumas variáveis no perfil da população brasileira. Xavier et al. (2021) destaca que ocorre com maior frequência pelos jovens, preferencialmente do sexo feminino. Um dos principais perigos da automedicação é a possibilidade de erro no diagnóstico. Muitas condições de saúde apresentam sintomas similares, e a autoavaliação pode levar a diagnósticos incorretos. Por exemplo, uma dor de cabeça pode ser sintoma de estresse, mas também pode ser indicativa de algo mais sério, como uma meningite ou um aneurisma. Tomar analgésicos repetidamente pode mascarar sintomas importantes, retardando o diagnóstico e o tratamento adequado.

Outro risco significativo é a interação medicamentosa. Muitos medicamentos podem interagir entre si de maneiras perigosas, potencializando efeitos adversos ou reduzindo a eficácia de outros tratamentos. Um exemplo comum é a interação entre antiácidos e antibióticos, que pode comprometer a absorção do medicamento e, portanto, sua eficácia. Pessoas que se automedicam geralmente desconhecem essas interações e podem acabar agravando suas condições de saúde.

Além disso, a automedicação pode levar ao uso excessivo ou inadequado de medicamentos. O abuso de analgésicos, como o paracetamol e o ibuprofeno, pode causar danos severos ao fígado e aos rins. O uso indiscriminado de antibióticos, por outro lado, contribui para o aumento da resistência bacteriana, um problema global de saúde pública. Bactérias resistentes se tornam mais difíceis de tratar e podem levar a infecções mais graves e duradouras, representando um risco significativo para a sociedade.

Tabela 4 - Os medicamentos mais consumidos por conta própria pelos brasileiros

Medicamentos	Percentual Médio
Analgésicos	48
Anti-inflamatórios	31
Relaxante muscular	26
Antitérmicos	19
Descongestionante nasal	15
Expectorante	13
Antiácido	10
Antibióticos	10

Fonte: Adaptado de <https://ictq.com.br/pesquisa-do-ictq/871-pesquisa-automedicacao-no-brasil-2018>

A Tabela 4 apresenta a distribuição dos principais medicamentos por subgrupos da classificação ATC (Anatomical Therapeutic Classification). Segundo Arrais (1997), os medicamentos foram agrupados por subgrupos incluindo aqueles que atuam no aparelho digestivo e metabolismo, sistema nervoso central, sistema respiratório, sistema musculoesquelético, anti-infecciosos, sistema cardiovascular.

Tabela 5- Os principais prescritores leigos e informais no Brasil

Prescritores leigos	Percentual Médio
Família	68
Balconista de farmácia	48
Amigos	41
Vizinhos	27
Artistas ou influencer	16

Fonte: Adaptado de ICTQ, 2018.

Ferreira et al. (2021) verificaram quais os medicamentos mais utilizados na automedicação e analisaram quais os fatores que levam a automedicação indiscriminada. A Tabela 5 apresenta os principais prescritores leigos.

5.4 Papel do Farmacêutico

O farmacêutico desempenha um papel importante no apoio ao autocuidado, acompanhando a farmacoterapia e ajudando a minimizar e prevenir problemas relacionados ao uso inadequado de Medicamentos Isentos de Prescrição (MIPs). No contexto do rastreamento, o farmacêutico atua com farmacovigilância, identificando e orientando pacientes no tratamento de doenças, graças ao seu conhecimento técnico especializado (Rodrigues et al., 2018).

Os farmacêuticos são os únicos profissionais de saúde com conhecimento técnico específico para prestar Atenção Farmacêutica no uso racional de medicamentos. Toda a formação adquirida durante a graduação é direcionada ao bem-estar físico, mental e social dos indivíduos, proporcionando um atendimento mais humanizado para os usuários de medicamentos (Enefar, 2013).

O papel do farmacêutico é crucial para prevenir o uso indevido de medicamentos, uma vez que, quando os pacientes recebem orientação adequada desse profissional, eles tendem a estar mais preparados para utilizar corretamente os medicamentos, evitando os riscos

associados à automedicação. Cabe ao farmacêutico orientar o paciente sobre automedicação, realizar a anamnese, avaliar informações e fazer a triagem apropriada para o uso de Medicamentos Isentos de Prescrição (MIPs) (Yasbek, 2012; Cordeiro Jr. Et al, 20121).

A anamnese farmacêutica tem como objetivo avaliar uma série de fatores, incluindo: a) o medicamento que está sendo solicitado pelo paciente, b) a razão do pedido, c) há quanto tempo os sintomas estão presentes, d) a condição do paciente (como gravidez ou amamentação), e) se ele já foi avaliado por um médico, f) histórico de consumo de álcool, g) idade do paciente, h) situações que possam contraindicar o uso de algum Medicamento Isento de Prescrição (MIP), i) uso concomitante de outros medicamentos e j) uso prévio de medicamentos diferentes para tratar o mesmo sintoma (Kishi et al., 2010).

Dessa forma, o farmacêutico, além de intervir no atendimento ao paciente, realiza ações farmacológicas e não farmacológicas com o objetivo de promover, proteger e recuperar a saúde no uso de Medicamentos Isentos de Prescrição (MIPs). Ele orienta sobre a automedicação responsável e o uso racional de medicamentos (Enefar, 2013).

5.5 Medidas para reduzir a automedicação

Diante dos vários perigos discutidos sobre a automedicação no Brasil, é fundamental implementar um conjunto de medidas estratégicas que envolvam a educação, a regulamentação e a fiscalização.

Para isso, a participação dos diferentes atores sociais é fundamental, ou seja, dos pacientes, profissionais da saúde, legisladores, formuladores de políticas públicas, indústria, comércio e governo (Aquino, 2008). Primeiramente, campanhas de conscientização pública devem ser amplamente difundidas para informar a população sobre os riscos associados à automedicação, incluindo os efeitos adversos e a resistência aos medicamentos.

Além disso, é necessário reforçar a regulamentação sobre a venda de medicamentos, garantindo que as farmácias cumpram rigorosamente a exigência de receita médica para a aquisição de medicamentos controlados. O Ministério da Saúde, por meio da Política Nacional de Medicamentos, criou o Comitê Nacional para Promoção do Uso Racional de Medicamentos por meio da Portaria N. 42/07 (Brasil, 2001). A fiscalização deve ser intensificada para coibir a venda ilegal de medicamentos e promover o cumprimento das normas vigentes. Paralelamente, o acesso a serviços de saúde deve ser ampliado, facilitando consultas médicas e o acompanhamento contínuo dos pacientes. Finalmente, é crucial envolver os profissionais de saúde em iniciativas de educação continuada para que possam orientar

adequadamente seus pacientes sobre o uso correto de medicamentos, contribuindo para a redução da automedicação e promovendo a saúde pública de maneira mais eficaz (Costa et al., 2022).

6. CONCLUSÃO

A automedicação é uma prática comum em diversas partes do mundo, onde indivíduos tomam medicamentos por conta própria sem orientação médica ou farmacêutica adequada. Este comportamento é frequentemente impulsionado pela facilidade de acesso a medicamentos de venda livre, o desejo de economizar tempo e dinheiro, e a crença equivocada de que são capazes de diagnosticar e tratar suas próprias condições de saúde. No entanto, essa prática pode acarretar sérios riscos à saúde e trazer consequências adversas tanto para o indivíduo quanto para a sociedade em geral.

A importância do farmacêutico no combate à automedicação não pode ser subestimada. Esses profissionais de saúde desempenham um papel crucial na educação dos consumidores sobre o uso adequado de medicamentos. Os farmacêuticos são treinados para identificar potenciais interações medicamentosas, dosagens apropriadas e contraindicações. Eles podem aconselhar os pacientes sobre os medicamentos de venda livre e orientar sobre quando é necessário buscar atendimento médico.

Além disso, os farmacêuticos são acessíveis e frequentemente representam a primeira linha de contato para muitas pessoas que buscam orientação sobre problemas de saúde menores. Eles estão em uma posição ideal para educar os pacientes sobre os riscos da automedicação e promover o uso racional de medicamentos. Em muitos países, campanhas de conscientização conduzidas por farmacêuticos têm mostrado resultados positivos na redução da automedicação e no aumento da adesão a tratamentos prescritos por médicos.

A educação pública também é vital para combater a automedicação. É essencial que os consumidores sejam informados sobre os riscos associados ao uso inadequado de medicamentos e a importância de buscar orientação profissional. Programas de saúde pública que enfatizem a necessidade de consultas médicas e a orientação farmacêutica podem ajudar a reduzir a incidência de automedicação e seus efeitos adversos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO, Daniela Silva. Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade? *Ciências e Saúde Coletiva*, v.13, p. 733-736, 2008.
- ARRAIS, P. S. D.; FERNANDES, M. E. P.; PIZZOL, T. S.; RAMOS, L. R.; MENGUE, S. S.; LUIZA, V. L.; TAVARES, N. U. L.; FARIAS, M. R.; OLIVEIRA, M. A.; BERTOLDI, A. D. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. *Revista de Saúde Pública*, v. 50 (supl 2), p. 1s-11s, 2016.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Automedicação**. Brasília. 2012. Disponível em <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/dicas/255_automedicacao.html> Acesso em 25 de abril de 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Medicamentos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. Disponível em https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_medicamentos.pdf. Acesso em abril de 2024.
- CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. CFF. Pesquisa aponta que 77% dos brasileiros têm o hábito de se automedicar. Revista eletrônica do Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://www.crfsp.org.br/noticias/10535-pesquisa-aponta-que-77-dos-brasileiros-tem-o-habito-de-se-automedicar.html>
- CORDEIRO JUNIOR, E. M.; ABREU, T. Atuação do profissional farmacêutico na automedicação. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, [S. l.], v. 7, n. 9, p. 216–229, 2021. DOI: 10.51891/rease.v7i9.2151. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/2151>. Acesso em: 1 maio. 2024.
- COSTA, J. S.; SQUINELLO, L.; VIEIRA, T.; GUIMARÃES, J. da S. Automedicação. *Scientific Electronic Archives*, v. 15, n. 9, 2022. DOI: 10.36560/15920221599. Disponível em: <https://sea.ufr.edu.br/SEA/article/view/1599>. Acesso em: 31 mar. 2024.
- ENEFAR. **Campanha 5 de maio pelo uso correto de medicamentos**. Executiva Nacional dos Estudantes de Farmácia. 2013. Disponível em: https://enefar.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/04/2013-04-19_cartilha-campanha-5-de-maio-2013.pdf. Acesso em: 17 de junho de 2024.
- FERREIRA, F. C.; LUNA, G. G.; IZEL, I. C.; ALMEIDA, A. C. G. O impacto da prática da automedicação no Brasil: Revisão Sistemática. *Brazilian Applied Science Review*, Curitiba, v.5, n.3, p. 1505-1518 mai./jun. 2021.
- GUEDES, A. C.; ANDRADE, L. G. A atuação do farmacêutico no combate a automedicação. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*. São Paulo, v.7, n.10, p 1504-1514 out. 2021.
- ICTQ, Instituto de ciência, tecnologia e qualidade. PESQUISA – AUTOMEDICAÇÃO NO BRASIL (2018). Instituto de ciência, tecnologia e qualidade, [s. l.], p. 1-1, 2018. Disponível em: <https://www.ictq.com.br/pesquisa-do-ictq/871-pesquisa-automedicacao-no-brasil-2018>. Acesso em: 22 set. 2020.
- KISHI, M.A.; MENEGASSO, P.E.; RIZZI, R.C.D. Farmácia não é um simples comércio- Fascículo II: Medicamentos Isentos de Prescrição. Conselho Regional do Estado de São Paulo. 1. ed. São Paulo, SP, 2010. 107p.

- NÓBREGA, H. O. S.; et al. Intoxicações por Medicamentos: Uma Revisão Sistemática com Abordagem nas Síndromes Tóxicas. **Revista Saúde e Ciência**, Campina Grande, v. 4, n. 2, p.109-119, 2015.
- OLIVEIRA, L. L.; MOURA, N. P. R.; MARTINS-FILHO, P. R. S.; LIMA, G. S.; TAVARES, D. S.; TANAJURA, D. M. Avaliação da prática da automedicação numa população urbana do Nordeste do Brasil. **Scientia Plena**, v. 12, n. 12, p. 1-8, 2016.
- RIBEIRO, A. G.; Da CRUZ, L. P.; MARCHI, K. C.; TIRAPELLI, C. R.; MIASSO, A. I. Antidepressivos: uso, adesão e conhecimento entre estudantes de medicina. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 19, n. 6, p. 1825-1833, 2014.
- RODRIGUES, B. M.; SANTOS, N. S.; YOSHIDA, E. H.; MARIÚBA, C. B. A atenção farmacêutica na avaliação da segurança e da eficácia do uso off-label de dulaglutida no tratamento do sobrepeso e obesidade. **Revista Saúde em Foco**. Edição nº 10, p. 850-861, 2018.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.
- DA SILVA, J. G.; GOMES, G. C.; COSTA, A. R.; JULIANO, L. F.; ARUDA, C. P.; CARVALHO, L. N. A prática da automedicação em crianças por seus pais: atuação da Enfermagem. **Rev Enferm UFPE on line**, Recife, v. 12, n. 6, p.1570-1577, jun., 2018.
- SINITOX. Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. Evolução dos casos registrados de intoxicação humana por agente tóxico [Internet]. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz; 2009. Disponível em <http://sinitox.iciet.fiocruz.br/dados-nacionais>. Acesso em: 24 de abril de 2024.
- SOTERIO, K. A.; DOS SANTOS, M. A. A automedicação no Brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos de venda livre: uma revisão. **Revista da Graduação**, [s. l.] v. 9, n. 2, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/graduacao/article/view/25673>. Acesso em: 31 mar. 2024.
- SOUSA, H. W. O.; SILVA, J. L.; NETO, M. S. A importância do profissional farmacêutico no combate à automedicação no Brasil. **Revista Eletrônica de Farmácia**. v. 5, n. 1, p. 67-72, 2008.
- XAVIER, M. S.; CARTRO, H. H.; SOUZA, L. G. D.; OLIVEIRA, Y. S. L.; TAFURI, N. F.; AMÂNCIO, N. F. G. Automedicação e o risco à saúde: uma revisão. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v.4, n.1, p. 225-240 jan./feb. 2021.
- YAZBEK, Priscila Baptistella. **Atenção Farmacêutica: o processo de indicação farmacêutica para Medicamentos Isentos de Prescrição**.2012. 134 f.